

CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

EDWARD W. SOJA

Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions.

Oxford: Blackwell Publishing, 2000. 440 p.

por

IGOR CATALÃO

Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia

Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho"

Campus de Presidente Prudente

igor@pos.prudente.unesp.br

Completando a trilogia iniciada com *Postmodern Geographies: The Reassertion of Space in Critical Social Theory*, de 1989 – publicado em português quatro anos mais tarde sob o título *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica* –, *Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions*, ainda sem tradução para nossa língua, é uma obra instigante e desafiadora.

Originalmente, *Postmetropolis* deveria ter aparecido em 1996 como parte de *Thirdspace: Journeys to Los Angeles and Other Real-and-Imagined Places*, o segundo livro, também sem tradução para o português, da trilogia na qual fica explícita a preocupação de Soja com uma teoria urbana crítica, fundamentalmente espacial, no limiar do século XXI.

Apesar do título sugestivo, Soja não apresenta uma teoria niilista pós-moderna acerca da metrópole contemporânea. Tal como definiu em *Geografias pós-modernas*, pós não implica uma ruptura e abandono do termo modificado, mas ele usa o prefixo como um indicativo de reestruturação. Neste sentido, a metrópole contemporânea, ou a pós-metrópole, é analisada a partir do desenvolvimento da cidade historicamente formada, desde as antigas cidades de Jericó e Çatal Hüyük, até sua culminância atual em Los Angeles, Nova Iorque e outras, resultantes dos processos de aglomeração e industrialização do período contemporâneo.

Soja abre *Postmetropolis* apresentando concepção teórica e retoma seu pensamento expresso nas obras precedentes. Em *Geografias pós-modernas* o autor havia definido o que para ele são as três dimensões da existência humana: no plano ontológico, o espaço, o tempo e o ser; e, no plano da práxis, a produção do espaço, a construção da história e o estabelecimento das relações sociais. Em *Thirdspace*, ele dedica-se a

analisar as três dimensões espaciais que Lefebvre inaugurou em *La production de l'espace* (1974), não traduzido ainda para o português, e define o que para ele é a dimensão espacial maior, ou o espaço vivido, chamado por ele de *thirdspace*. Essa unidade teórica de análise, ao incorporar as dimensões do espaço concebido – *secondspace* – e do espaço percebido – *firstspace* – abre a possibilidade para a complexificação da imaginação geográfica.

De influência marcadamente lefebvrea, em *Postmetropolis*, o autor esforça-se por desenvolver sua “trialética” do espaço com o objetivo de abarcar todos os aspectos daquilo que ele descreve como “espacialidade da vida humana”.

A primeira parte do livro, intitulada *Remapping the Geohistory of Cityspace*, dedicada à análise da dimensão percebida do espaço, histórica e empiricamente, apresenta uma nova forma de contar a história da cidade, que Soja divide em três revoluções. O marco fundante da divisão dessas revoluções é o intento do autor de “colocar as cidades primeiro”, isto é, desenvolver uma teoria que privilegie a análise do espaço e do ambiente construído urbano sem, contudo, ignorar ou subvalorizar as demais.

No capítulo 1, *Putting Cities First*, Soja elucida a primeira revolução urbana, aquela que fez surgir a primeira cidade da história que era simbolicamente o próprio mundo, segundo ele. Indo na contracorrente da teoria urbana que conhecemos, o autor nos mostra que não necessariamente a apropriação e a concentração geográfica do excedente agrícola fizeram surgir a primeira cidade, mas que esta era o primeiro lócus que possuiu o estímulo à aglomeração urbana, chamado por ele de *synekism*, a saber: Çatal Hüyük, uma cidade que não evoluiu de formas camponesas prévias, mas que desde sempre fora cidade. Trata-se, pois, de pensar se o excedente agrícola apropriado originou cidades ou se a origem destas requereu a existência e a apropriação do excedente agrícola.

The Second Urban Revolution, capítulo 2, discute como a evolução da irrigação e a ampliação da agricultura foram capazes de aumentar o estímulo à aglomeração urbana nos vales férteis da Eurásia e da África e de como a disputa pelo poder, com a conseqüente busca de proteção do ambiente construído, tornou-se intrínseca à cidade.

A análise capitalista do espaço urbano e da industrialização como motor da urbanização ganha lugar no capítulo 3, *The Third Urban Revolution: Modernity and Urban-industrial Capitalism*. Aqui o autor analisa o fenômeno urbano à luz da sucessão das modernidades e faz uma retrospectiva do par industrialização-urbanização na Inglaterra, na metade do século XVIII, e nos Estados Unidos, no fim do século XIX e início do XX,

a partir das análises e da crítica dos maiores expoentes da teoria urbana das respectivas épocas, a economicista Escola de Manchester, na Inglaterra, e a Escola de Chicago, fundamentada nos princípios da Ecologia Humana, nos Estados Unidos. Esse caminho teórico-metodológico serve de base para a inserção dos capítulos subseqüentes.

No capítulo 4, *Metropolis in Crisis*, Soja recupera a crise da teoria urbana vivida nos anos 1960 e 1970, décadas em que as idéias de Lefebvre sobre a cidade e o urbano surgem como uma das mais pertinentes e ricas contribuições à ciência urbana, e recupera os mais importantes interlocutores da teoria marxista, com suas obras marcantes da época: o sociólogo espanhol Manuel Castells com *La question urbaine* (1972) e o geógrafo americano David Harvey com *Social Justice and the City* (1973). Soja retoma essas duas obras da literatura urbana da década de 1970 e mostra como as idéias de seus autores foram fundamentais para o desenvolvimento da teoria crítica marxista e não marxista sobre a cidade e o urbano nos anos subseqüentes, relacionando-as com as obras de Lefebvre, contemporâneas na época. Soja também se esforça, sem desmerecer as obras de Castells ou Harvey, para rebater as críticas feitas por eles a Lefebvre ou os erros de compreensão das obras deste autor.

Ao retomar Castells, Soja faz, em seu livro, uma crítica aos sociólogos modernos por terem abandonado sua preocupação com o desenvolvimento teórico e metodológico da ciência urbana, enveredando-se por discussões ditas fora do âmbito da sociologia urbana que, contudo, são explicitamente urbanas, como a discussão de gênero, cor, estudos *queer* etc., como ele mesmo demonstra ao longo do livro.

Soja finaliza a primeira parte de *Postmetropolis* com uma análise empírica de Los Angeles. No capítulo 5, *An Introduction to the Conurbation of Greater Los Angeles*, o autor inicia a análise da pós-metrópole que é objeto de suas pesquisas, com suas muitas especificidades. Ele justifica a escolha de Los Angeles porque, para ele, dentre tantas especificidades que a cidade possui, muitas semelhanças com outras cidades podem ser encontradas e muitos caminhos analíticos podem surgir. A análise, desta vez, foca-se no crescimento da área metropolitana de Los Angeles, com a contínua imigração de estrangeiros, criação de inúmeros municípios nos condados de Los Angeles, Orange, São Bernadino, Riverside e Ventura e o extravasamento da metrópole para as cidades próximas do entorno metropolitano.

Entusiasticamente, Soja apresenta a segunda parte do livro, intitulada *Six Discourses on the Postmetropolis*, como aquela dedicada à dimensão concebida do espaço. Ele retoma obras de inúmeros pensadores

da questão urbana contemporânea a fim de conceituar e analisar a pós-metrópole. Não se trata apenas de uma análise das formas espaciais do ambiente construído, mas de uma análise macro da urbanização. Trata-se de uma análise da sociedade por meio de sua dimensão espacial, que Soja impetra pela observação minuciosa das modificações que ocorreram em Los Angeles durante o século XX. Dificilmente se pode achar uma demonstração tão interessante de como as mudanças sociais mundiais são cada vez mais transformações urbanas.

O capítulo 6, *The Postfordist Industrial Metropolis: Restructuring the Geopolitical Economy of Urbanism*, abre os seis discursos sobre a pós-metrópole com a crítica da pós-industrialização e do pós-fordismo. Para Soja, “a ligação dinâmica entre desenvolvimento industrial e urbano é vista como a força fundamental ou fundante que modela o que é descrito [...] como ‘a anatomia geográfica do capitalismo industrial’” (SOJA, 2000, p. 158, tradução nossa). A industrialização, motor da urbanização, ainda é, segundo Soja, a responsável pelas formas urbanas da metrópole contemporânea. Falar de pós-industrialização significa falar de reestruturação da indústria moderna e de seus padrões de localização metropolitana, estreitamente atrelados ao desenvolvimento da chamada acumulação flexível, ou pós-fordismo. O autor não descarta de forma alguma os fatores principais do fordismo – ou seja, a produção e o consumo em massa – pois ainda e cada vez mais, para ele, esses são padrões da sociedade urbana moderna e da atual fase da industrialização.

Característica marcante em todo o livro, os epítetos da metrópole moderna tornam-se mais expressivos a partir do capítulo 7, *Cosmopolis: The Globalization of Cityspace*. Neste capítulo, o autor dedica-se a discutir a mundialização como carro-chefe da transformação social, especialmente no *fin-de-siècle*; uma discussão que, segundo ele, estaria substituindo inclusive os debates acerca da modernidade e da pós-modernidade. No limiar do século XXI, o que vemos é a ampliação da interligação de diversos pontos do planeta, uma nova divisão socioespacial mundial do trabalho, reorganização dos mercados mundiais e dos padrões de mobilidade dos povos e uma ampliação da escala regional das pós-metrópoles, cuja dimensão mundial se torna mais e mais importante e evidente. A mundialização da cultura também é analisada neste capítulo ou, mais especificamente, aquilo que ele chama de economia cultural mundial. As obras mais recentes de Manuel Castells e Saskia Sassen, entre outros autores, são tomadas aqui para discutir temas como a sociedade da informação, a evolução dos meios de comunicação e as cidades globais.

O espraiamento da pós-metrópole é tema do capítulo 8, *Exopolis: The Restructuring of Urban Form*. Soja discute como o fenômeno urbano transcende a escala da cidade e parte para uma escala regional, conformando uma verdadeira “galáxia metropolitana”, e elenca as principais pós-metrópoles mundiais e seu crescimento populacional durante o século XX. Discute também a questão da suburbanização e do crescimento das periferias, a questão da centralidade urbana, a oposição entre a cidade central e as cidades externas metropolitanas – *Inner versus Outer Cities* – e a ampliação das *Edge Cities* nos Estados Unidos. Los Angeles é sempre tomada como realidade objetiva a partir da qual Soja desenvolve seu pensamento.

No capítulo 9, *Fractal City: Metropolarities and the Restructured Social Mosaic*, Soja dedica-se a analisar os grupos sociais. Com o epíteto de “metropolaridades”, ele define a condição atual da pós-metrópole de abrigar os grupos sociais os mais diversos e especificamente a questão da luta por espaço na cidade. O autor toca em pontos delicados da sociedade, como a questão de gênero, da orientação sexual, da cor da pele, da imigração de latinos e orientais e da discriminação social e política. O autor esforça-se por levantar um discurso em prol do “direito de ser diferente” e da questão de que é intrínseco à pós-metrópole ser múltipla, diversa e heterogênea. Sendo Los Angeles a cidade americana com o maior número de imigrantes latinos e com uma proporção bem significativa de negros e orientais, ele tenta desvendar o “mosaico étnico” no qual estes grupos estão imersos e os tipos de relações políticas e espaciais que se estabelecem entre eles, além de mostrar como se efetua a divisão étnica do trabalho na cidade.

A questão da segurança urbana é discutida em *The Carceral Archipelago: Governing Space in the Postmetropolis*, capítulo 10. Soja entende que existe na pós-metrópole uma forma de “urbanismo seguro-obsessivo” que fragmenta a cidade e encarcera as pessoas em condomínios vigiados pelos mais modernos equipamentos de segurança. A rua, que antes fora lugar do encontro, da festa, da realização das atividades quotidianas, dos cidadãos-cidadãos, agora é abandonada à delinquência e torna-se sinônimo de insegurança e violência. Porém, trata-se, na verdade, de um tipo de paranóia que cria “topologias mutantes” no ambiente construído, responsáveis pelo impedimento do pleno direito à cidade e pela criação de um tipo de cidade proibida. O autor discute também a formação de associações comunitárias de moradores e de como essas associações lutam no sentido de salvaguardar os interesses privados, além do desafio do governo de gerir o espaço público.

O capítulo 11, *Simcities: Restructuring the Urban Imaginary*, é o capítulo que encerra, de maneira muito coerente, a segunda parte do livro e é uma das mais interessantes análises que Soja faz em *Postmetropolis*. *Simcities* – alusão ao jogo de realidade virtual de mesmo nome e contração de *Simulated Cities* – é o epíteto utilizado para abrir a discussão sobre o espaço concebido, imaginado, que cada vez mais se torna inseparável do real, pois significa a própria virtualidade do real. O filósofo Jean Baudrillard é tomado como um dos autores-base do capítulo com sua discussão de que o real se torna inexistente, pois tudo hoje se forma no plano das idéias, das concepções pessoais, enfim, tudo é simulacro. Soja critica esta idéia, dada sua tendência filosófica materialista, mas concorda que as pessoas vivem e se guiam por padrões imaginados que, por isso, acabam por ganhar existência.

A terceira e última parte do livro, *Lived Space: Rethinking 1992 in Los Angeles*, apresenta uma maneira nada comum de encerrar uma obra da categoria de *Postmetropolis*. Os capítulos 12, *LA 1992: Overture to a Conclusion*, e 13, *LA 1992: The Spaces of Representation*, são compilações de outras obras publicadas e não publicadas, fragmentos de jornais, entrevistas, relatos e poesias sobre os acontecimentos dos *Justice Riots* [motins por justiça] que ocorreram em Los Angeles em 1992 depois do assassinato de um rapaz negro, o que trouxe à vista de todos a realidade conflituosa concernente à justiça social e espacial entre os diversos grupos de negros, brancos, orientais, latinos etc., além de afirmações que aludem à “especificidade espacial do urbanismo”. Nessa terceira parte, o *thirdspace* – ou espaço vivido – da pós-metrópole é revelado por aqueles que compartilham o cotidiano. As duas partes precedentes mostraram como se analisa a produção do espaço urbano por meio de suas dimensões percebida e concebida que, na verdade, integram plenamente e se revelam por meio da dimensão vivida. Soja demonstra de maneira clara que teorias servem para explicar aquilo que vivemos no dia-a-dia de modo prático, porém de que não temos sempre consciência. Os *Justice Riots* nada mais são que o resultado da metrópole historicamente formada, dos processos de aglomeração, industrialização e reestruturação industrial, imigração, divisão do trabalho, luta pelo poder, segregação social e espacial e empobrecimento da cidade, que o autor discutiu nas duas primeiras partes do livro.

O último capítulo da obra, *Postscript: Critical Reflections on the Postmetropolis*, é o posicionamento de Soja em relação a Los Angeles e aos excertos compilados nos dois capítulos precedentes. Ele apresenta a idéia de que estamos saindo de um período de *crisis-generated restructuring*

[reestruturação pela crise gerada] para um outro de *restructuring-generated crises* [crise da reestruturação gerada], ou período de transição pós-metropolitana – um dos temas centrais de *Postmetropolis* –, no qual se torna extremamente atual e necessária a teoria do desenvolvimento geograficamente desigual, à qual ele também recorre nas outras partes do livro. Soja retoma, nesse capítulo, os epítetos que alçaram as discussões de todos os capítulos anteriores, sintetizando suas idéias, para discutir finalmente aquilo que se revela mais do que uma justiça social, mas amplamente uma justiça espacial.

Postmetropolis, do geógrafo, PhD em Geografia pela Universidade de Syracuse e professor de Geografia e Planejamento Urbano da Universidade da Califórnia, Los Angeles (UCLA), Edward W. Soja, é muito mais do que um manual de Geografia Urbana ou um livro sobre conflitos sociais, ainda que seja também e profundamente estas duas coisas. Trata-se de uma análise abrangente da Geografia mundial do *fin-de-siècle*, repleto de minúcias e com uma preocupação fundamentalmente espacial e intrinsecamente social.

Soja, logo no começo do livro, deixa claro que sua intenção é fazer uma análise da dimensão espacial da existência humana, da “especificidade espacial do urbanismo”, com pressupostos teóricos bem formulados e com base em estudos e observações empíricas detalhados e desafiadores. Essa preocupação fica evidente mesmo na escolha das palavras. Os epítetos – *cosmopolis*, *exopolis*, *fractal cities*, *carceral archipelago*, *simcities* e outros – são justificados e expressam exatamente sua preocupação teórica de definir conceitualmente a realidade. Os neologismos, como *geohistory*, *cityspace*, *city-region* etc., poderiam ser questionados, já que não é com a utilização deles que uma análise se demonstra verdadeiramente espacial, porém essa é uma crítica que não cabe a Soja. Sua imaginação espacial ou geográfica é muito fecunda, permitindo-lhe análises que extrapolam o limite das formas do ambiente construído para atingir questões fundantes na teoria social e espacial urbana moderna. Tanto de textos de geógrafos e urbanistas – cientistas explicitamente preocupados com a dimensão espacial, segundo ele –, quanto de obras de sociólogos, antropólogos, filósofos, poetas, entre outros, Soja é capaz de retirar pontos importantes à análise espacial.

Além de uma importante obra de Geografia Urbana, analítica da realidade em transição do *fin-de-siècle*, *Postmetropolis* apresenta também uma crítica à teoria urbana contemporânea e aos seus expoentes e uma retomada do pensamento de diversos autores, muitos deles caros a Soja e já presentes em outras de suas obras, como Iain Chambers, Brian Berry,

David Harvey, Manuel Castells, Henri Lefebvre, Barbara Hooper, Michel Foucault, entre outros.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. *A questão urbana*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000 [1972].

HARVEY, David. *A Justiça social e a cidade*. São Paulo: Hucitec, 1980 [1973].

LEFEBVRE, Henri. *La production de l'espace*. 4. ed. Paris: Anthropos, 2000 [1974].

SOJA, Edward W. *Postmetropolis: Critical Studies of Cities and Regions*. Oxford: Basil Blackwell, 2000.

_____. *Thirdspace: Journeys to Los Angeles and Other Real-and-Imagined Places*. Oxford: Basil Blackwell, 1996.

_____. *Geografias pós-modernas: a reafirmação do espaço na teoria social crítica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.

_____. *Postmodern Geographies: The Reassertion of Space in Critical Social Theory*. London: Verso Press, 1989.

Recebido em 20/06/2007

Aceito em 28/08/2007